

## Cresce incidência mundial de câncer de pulmão

16/10/2009

MaxPress

*Mesmo com campanhas antitabagismo, lei antifumo e outras ações de governos e entidades médicas, a doença permanece em alta*

Alerta divulgado pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA) dá conta de aumento anual de 2% na incidência mundial de câncer de pulmão. Mais de 85% dos casos estão relacionados ao fumo e poderiam ser evitados com o abandono do tabagismo. A notícia preocupa especialmente os pneumologistas brasileiros, visto tratar-se do mais comum entre todos os tumores malignos, sendo o responsável, no país, pelo maior número de vítimas.

Se em 2000 foram cerca de 15 mil mortes, em 2008 o INCA já estimava um número superior a 27 mil, ou 19 casos novos a cada 100 mil homens e 10 para cada 100 mil mulheres.

Estes números refletem os baixos índices de cura, que incluem também a dificuldade no diagnóstico precoce. "Muito se tem investido no aumento da sobrevida e na qualidade de vida destes pacientes. O tratamento paliativo e sua abordagem geral são itens importantes no manuseio das pessoas com câncer de pulmão", afirma o dr. Marcos Paschoal, membro da Comissão de Câncer de Pulmão da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia.

A prevenção, portanto, ainda é a mais importante e eficaz ferramenta no combate ao câncer de pulmão, e consequentemente a luta contra o tabagismo.

"A quantidade de casos originados pelo tabaco é imensamente maior que outras causas isoladas, ou seja, sem história de tabagismo associado. Mas elas existem, tendo sua importância em contextos específicos, como a poluição ambiental, exposição ao asbesto ou radiação", explica o dr. Paschoal.

### **Sintomas e tratamento**

Tosse, falta de ar, escarro com sangue e dor torácica são as principais queixas que levam os pacientes ao consultório médico. A suspeita do médico começa em uma anormalidade na radiografia do tórax. A partir daí o especialista encaminhará exames complementares e as medidas necessárias para cada caso.

Uma vez confirmado o diagnóstico, o tratamento pode incluir cirurgia, quimioterapia e radioterapia. Mas o dr. Paschoal alerta que, embora tenham ocorrido avanços nesses três segmentos terapêuticos, o índice geral de cura pouco foi afetado. "Para ter uma ideia, há 40 anos era próximo de 10%. Hoje, está em torno de 15%".